

COSTURANDO A TRAMA ENTRE O TERRITÓRIO E A MUSEOLOGIA SOCIAL: ATELIÊ ESCOLA DO MUSEU DA VILA, PIAUÍ

NAUDIMAR VIEIRA MOURA MENEZES¹

GABRIELA CARNEIRO REIS²

SOLANO DE SOUZA BRAGA³

RESUMO

O presente estudo traça, por meio do relato de experiência sobre as oficinas de corte e costura realizadas por meio do Ateliê Escola, atividade de extensão do Programa de Pós-graduação em Artes, Patrimônio e Museologia da Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), a relação entre a museologia social e o território do Bairro Vila do Coqueiro da Praia, Luís Correia, Piauí. A metodologia utilizada é a Pesquisa-ação, de Thiollent (2011). As atividades consistiram em vários exercícios voltados para o domínio e manuseio das máquinas, tipos de costura e acabamentos, capacitando aquelas mulheres e possibilitando, assim, um protagonismo feminino na geração de renda da comunidade, bem como de melhoria da qualidade de vida, da de sua autoestima e a valorização de elementos da cultura e paisagem local.

PALAVRAS-CHAVE

Território; Museologia; Costura; Cultura.

WEAVING THE WEFT BETWEEN TERRITORY AND SOCIAL MUSEOLOGY: CUTTING AND SEWING WORKSHOPS AT THE ATELIÊ ESCOLA DO MUSEU DA VILA, PIAUÍ

ABSTRACT

The present study describes, through the experience report on the cutting and sewing workshops carried out through the Ateliê Escola, an extension activity of the Post-graduation Program in Arts, Heritage, and Museology at the Federal University of Delta do Parnaíba, the relationship between social museology and the territory of Bairro Vila do Coqueiro da Praia, Luís Correia, Piauí. The methodology used is Action Research by Thiollent (2011). The activities consisted of several exercises aimed at mastering and handling the machines, types of sewing and finishing, training those women, and thus enabling women to play a leading role in generating income for the community, as well as improving their quality of life, their self-esteem, and the appreciation of elements of the local culture and landscape.

KEYWORDS

Territory; Museology; Sewing; Culture.

¹ Graduação em Design de Moda, Especialização em Gestão de Negócios da Moda e Mestre em Artes, Patrimônio e Museologia – UFDPAr. Professora substituta na área de Produção do Vestuário e Moda do IFMA.

² Turismóloga, mestre em geografia e doutoranda em Geografia - UFMG.

³ Turismólogo, geógrafo, doutor em desenvolvimento e meio ambiente. Professor no curso de Bacharelado em Turismo e no Mestrado em Turismo e Patrimônio – UFOP.

*TISSER LA TRAME ENTRE TERRITOIRE ET MUSÉOLOGIE SOCIALE: ATELIERS DE COUPE ET DE COUTURE
À L'ATELIÊ ESCOLA DO MUSEU DA VILA, PIAUÍ*

RESUMÉ

La présente étude retrace, à travers le rapport d'expérience sur les ateliers de coupe et de couture réalisés par le biais de l'Ateliê Escola, une activité d'extension du programme d'études supérieures en arts, patrimoine et muséologie de l'Université fédérale de Delta do Parnaíba, la relation entre la muséologie sociale et le territoire de Bairro Vila do Coqueiro da Praia, Luís Correia, Piauí. La méthodologie utilisée est la Recherche Action, de Thiollent (2011). Les activités consistaient en plusieurs exercices visant à maîtriser et à manipuler les machines, les types de couture et de finition, à former ces femmes et à permettre ainsi aux femmes de jouer un rôle de premier plan dans la génération de revenus pour la communauté, ainsi que dans l'amélioration de la qualité de vie, de leur propre, l'estime et l'appréciation des éléments de la culture et du paysage locaux.

MOTS-CLÉS

Territoire; Muséologie; Couture; Culture.

*TEJIENDO LA RED ENTRE TERRITORIO Y MUSEOLOGIA SOCIAL: TALLERES DE COSTURA EN EL ATELIE
ESCOLA DO MUSEU DA VILA, PIAUI*

RESUMEN

Este estudio describe, a través del relato de experiencia de los talleres de corte y costura realizados en el Ateliê Escola, una actividad de extensión del Programa de Posgrado en Artes, Patrimonio y Museología de la Universidad Federal del Delta do Parnaíba (UFDPAr), la relación entre la museología social y el territorio de Bairro Vila do Coqueiro da Praia, Luís Correia, Piauí. La metodología utilizada es Action Research, de Thiollent (2011). Las actividades consistieron en varios ejercicios dirigidos al dominio y manejo de máquinas, tipos de costura y acabados, capacitando a esas mujeres y habilitando así un rol femenino en la generación de ingresos para la comunidad, así como mejorar la calidad de vida, su autoestima y valorización. de elementos de la cultura y el paisaje local.

PALABRAS CLAVE

Territorio; Museología; Costura; Cultura.

INTRODUÇÃO

As novas concepções sobre museus têm experimentado abordagens que dialogam cada vez mais diretamente com os territórios em que estão situados. Podem ser percebidos e concebidos como espaços preparados para promover o desenvolvimento social, econômico, cultural, ambiental e político nos territórios. Transformaram-se em locais de debates e reflexões que transbordam suas estruturas físicas, promovem a sociabilidade e reafirmam as identidades culturais. Os museus também podem proporcionar conhecimento e aprendizado, e podem atuar por meio de projetos e ações na melhoria da qualidade de vida das populações locais e até regionais. Os ecomuseus, de base comunitária, são exemplos da busca pela harmonia e funcionalidade entre museus, elementos humanos e naturais. O museu passa a ser território habitado, a partir do patrimônio construído pela comunidade, de forma consciente e sustentável.

É nesse contexto que o projeto *Ateliê Escola*, “abrigado” no espaço do Museu da Vila (MUV), será aqui apresentado. O MUV (Figura 1) constitui-se em Órgão Suplementar de Ensino, Pesquisa, Extensão, Inovação Social e Tecnológica da Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), localizado em Luís Correia, um dos dez municípios que integram a Área de Proteção Ambiental (APA) Delta do Parnaíba. O projeto *Ateliê Escola* faz parte do Programa de Pós-Graduação em Artes, Patrimônio e Museologia (PPGAPM) da UFDPAr, o qual, entre outros aspectos, proporciona a criação de espaços de ensino, pesquisa e extensão que atuam diretamente no contexto territorial da APA Delta do Parnaíba.

Figura 1. Fachada do Museu da Vila



Fonte: Acervo dos autores (2021).

O projeto do *Ateliê* foi concebido, em 2018, a partir de estudos e intervenções realizados de forma participativa e colaborativa com moradoras do Bairro Vila do Coqueiro da Praia. Tem como proposta, entre outras, reduzir as vulnerabilidades sociais mediante a

capacitação de mulheres residentes no município. Essa capacitação ocorre a partir do ensino de técnicas do Design de Moda, como corte e costura, incluindo no processo as referências da cultura local, oferecendo oportunidades de emprego e renda. Naquela ocasião, o público do projeto era composto por um grupo de 10 mulheres residentes na comunidade (CARVALHO, 2019). As oficinas, entre os anos 2020 e 2022, são ofertadas e realizadas para um grupo de cinco mulheres residentes do Bairro Vila do Coqueiro da Praia, (Luís Correia), litoral norte do Estado do Piauí (Figura 2).

Figura 2. Localização do Bairro Vila do Coqueiro da Praia



Fonte da base cartográfica: OLIVEIRA (2018, p. 27).

Este grupo é formado por pescadoras, donas de casa e artesãs, com faixa etária entre 37 e 57 anos que se inscreveram para fazer as oficinas. É no âmbito dessa atuação que o presente artigo tem como objetivo descrever o trabalho das oficinas realizadas no contexto do MUV que constituem as atividades do *Ateliê Escola*. É também, nesse contexto, que o artigo pretende contribuir para a reflexão sobre os ecomuseus e a extensão da atuação desses espaços nos territórios em que estão inseridos. Entende-se ainda a intrínseca relação entre patrimônio — material e imaterial — e território, e percebe-se que expressões da cultura desses territórios podem ser traduzidas em trabalhos manuais e por meio do ensino de técnicas de corte e costura. Tal ensino e atuação são proporcionados no âmbito do MUV.

Não se pode ainda desconsiderar que os anos de 2020 e 2021 foram marcados pela pandemia do novo Coronavírus – COVID-19. A pandemia sem precedentes no contexto de um mundo globalizado/pós-moderno impõe vários desafios, de ordens diversas, às sociedades em todo o mundo. A interrupção de praticamente todas as atividades e serviços, que antes faziam parte do cotidiano dos indivíduos, prolongou-se por vários meses. Essas restrições afetaram os inúmeros trabalhos e pesquisas desenvolvidas nas universidades públicas e respectivos setores (INÁCIO; SNOEIJER; SANTOS, 2021).

Como parte de um novo contexto imposto pela condição de saúde pública e a partir de um maior conhecimento a respeito do vírus, adaptações foram realizadas e alguns trabalhos foram retomados, ainda que com restrições e protocolos de segurança. A universidade e os projetos de extensão foram adaptados à nova conjuntura sem perder a relevância para o território em que estão inseridos. Os museus universitários, por sua vez, como espaços de atividades de extensão, são parte fundamental neste trabalho. Posto isto, ressalta-se a relevância das oficinas, sobretudo no contexto pandêmico.

No Brasil, além da desestabilização das famílias, devido aos falecimentos e ao desemprego, a fome e a pobreza emergem significativamente (KOBELINSKI, 2021). Os diversos impactos se desdobram por diversas comunidades, municípios e estados e não excluiu os pescadores do litoral do Piauí que assim como a maior parte da população brasileira, também tiveram uma queda de seus rendimentos e da qualidade de vida (NIPPES; PAVAN, 2021). A crise da pesca artesanal e no turismo local influenciou os recursos da comunidade pesqueira, o que inclui o Bairro Vila do Coqueiro da Praia. Diante desse contexto, fez-se pertinente o trabalho de potencializar as atividades do *Ateliê Escola* do MUV por meio da realização de oficinas que, de alguma maneira, venham a melhorar a condição socioeconômica dessa comunidade por meio desse projeto.

É nesse contexto que o ensino/aprendizado e formas de apoio se tornam imperativos pela capacidade de contribuir para promover melhorias de vida e oportunidades. Foi considerando essa conjuntura, e acatando as restrições e protocolos de segurança exigidos, que as atividades do *Ateliê Escola* passaram a ser realizadas nas residências das beneficiárias.

Considera-se e embasam essa atuação os principais elementos associados ao patrimônio cultural, à museologia social, à pesquisa-ação e à inovação social, que alicerçam as alternativas de soluções para o problema em questão desse projeto-ação. Segundo o Manual de Aplicação do Mais Educação (IPHAN, 2013, p. 5), o patrimônio cultural é “o conjunto de manifestações, realizações e representações de um povo. Ele está presente em todos os lugares e atividades: nas ruas, nas casas, nas danças e músicas, nas artes, nos museus, escolas, igrejas e praças”. Assim, como os modos de fazer, criar e trabalhar, como também, nos livros, na poesia que declamam, nas brincadeiras, nos cultos.

TECENDO OS FIOS ENTRE MUSEUS E PATRIMÔNIO

Para Cândido (2014), a linhagem mitológica dos museus é associada ao *Museion*, em grego. O termo foi usado antes do século V a.C. para designar os santuários consagrados às musas e às escolas filosóficas e de investigação científica presididas pelas musas protetoras das Ciências e das Artes. Os museus e o patrimônio podem exercer funções relacionadas ao

desenvolvimento social, econômico e político nos territórios. Podem atuar como espaços de sociabilidade onde emergem debates e discussões afirmando as identidades culturais dos territórios onde estão situados. Proporcionam conhecimento e podem favorecer a melhoria da qualidade de vida das populações, desde que atendam a critérios de sustentabilidade nas esferas cultural, natural, econômica e social. É notável, deste modo, a percepção de que a Museologia tem mudado sua abordagem que os museus têm sido considerados como fenômeno mais abrangente, resultante da consciência cultural e contrapondo-se ao tradicional significado que lhe era atribuído: de instituição aristocrática e apropriadora de bens.

A palavra museu tornou-se habitual para designar coleções de qualquer natureza (públicas ou particulares), e não faz muito tempo, o museu destinava-se apenas a abrigar e conservar coleções: era sua única finalidade (SANTANA; SITAK; BUMBA, 2018). No entanto, museu é um espaço de educação, de investigação, de produção de conhecimento, de lazer, de reflexão, de subversão, de formação ao longo da vida, de inovação no plano econômico e que só faz sentido se houver um significado para as pessoas que estão no entorno. No Brasil a Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009 consideram que os museus são

As instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento. (BRASIL, 2009, p. 1).

A perspectiva dos estudos sobre museologia inclui investigações mais abrangentes e que estão imbricados à temática das políticas públicas para a cultura, e designadamente para os museus, que se refletem nas questões de qualificação profissional, nas ações e atividades expositivas de difusão, de ampliação de acesso e de inclusão de variados segmentos de públicos, ou seja, uma política pública por excelência (BERTOTTO, 2015).

Tal transformação é perceptível por meio dos museus de base comunitária, os quais funcionam como locais de comunicação e troca de saberes. O valor social dos museus foi atribuído em documento oficial, sobretudo, a partir das Declarações legais de Santiago (1972). A partir da mobilização de grupos sociais foi realizada a inclusão da concepção social na abordagem sobre museus e estes espaços tiveram reforçados o seu papel na promoção do desenvolvimento social. A Nova Museologia (O movimento iniciado na década de 1960 que visa maior democratização de acesso aos museus e a visão das instituições museais como instrumentos de mobilização e transformação social e política, conforme é descrito por Duarte (2014)) valoriza o caráter comunitário, por meio de reflexões críticas que caminham para intervenções sociais, políticas e econômicas nas comunidades.

O projeto do *Ateliê Escola* se apoia, conforme postulado para projetos de museologia social, no tripé formado pela: 1) valorização do patrimônio (cultural e natural) e

as características identitárias dos moradores e visitantes por meio de peças de moda; 2) promoção do turismo no Bairro Vila do Coqueiro da Praia, e; 3) promoção do desenvolvimento endógeno. A concepção de ecomuseu como instituição museal associa o desenvolvimento de uma comunidade à conservação do seu patrimônio cultural e natural (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013). Para Desvallées e Mairesse (2013), um ecomuseu é uma expressão das relações entre homem x natureza em um determinado território ao longo do tempo e dos limites desse espaço. A composição do acervo desse tipo de instituição é feita de bens de interesses científicos e culturais reconhecidos, “representativos do patrimônio da comunidade que serve: bens imóveis não construídos, espaços naturais selvagens, espaços naturais humanizados; bens imóveis construídos; bens móveis; e bens integrados” (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p. 74).

O museu de base comunitária tem como atores principais os habitantes do território, sendo a proposta de: interação e integração com o patrimônio, a comunidade, o meio ambiente e o território. Territorialidade relaciona-se a um espaço e ou região que estabelece, para além de uma jurisdição, um sentimento de pertencimento em que ações coletivas se identificam consoante aos costumes e hábitos. A perspectiva de territorialidade surge no âmbito da sociologia e de outras áreas do conhecimento a partir do reconhecimento de condutas ou atitudes que refletem características do coletivo que ocupa.

No âmbito sociocultural a territorialidade refere-se a um conjunto de orientações e ações elaboradas por um grupo ou por uma instituição com o intuito de fazer o controle de um determinado território sobre o qual atua com autonomia visando o reconhecimento de suas tradições e a valorização do que produzem em termos de arte (COLUCCI; SOUTO, 2011). No cenário existente no início da década de 1980 foi preponderante a necessidade de se identificar nos territórios elementos de identidade que pudessem promover o desenvolvimento regional, sustentável ou integrado (ERICEIRA, 2015). Tais elementos correspondem aos objetos etnográficos ou sítios que serviriam como acervo patrimonial da população. Barbuy descreve os quatro elementos constitutivos dos ecomuseus: “o território, a população, o tempo e o patrimônio” (BARBUY, 1995). Segundo a autora, é preciso considerar que, quando se fala em patrimônio, deve-se referir ao “patrimônio total” que compreende “tanto paisagens, sítios, edificações, como os objetos que são portadores de história ou de memória” (BARBUY, 1995).

Os conceitos de patrimônio e de ecomuseu são intimamente relacionados, pois o acervo patrimonial é aumentado diante do sentido social dos museus comunitários que abrangem desde espécimes vivos a bens imateriais. De acordo com Varine (2013), o patrimônio, seja o natural, o cultural, vivo e/ou sacralizado, é um recurso local que só encontra sua razão de ser em sua integração nas dinâmicas de desenvolvimento. Ele é

herdado, transformado, produzido e transmitido de geração a geração. Logo, pertence ao futuro” (VARINE, 2013, p. 18-19).

O conceito de ecomuseu, uma tipologia de museu que tem como objetivo dar sentido ao lugar, valorizar o patrimônio cultural de um dado território com a participação das populações locais. Os membros da comunidade devem ter no museu uma perspectiva de bem-estar e sustentabilidade, onde a participação e interação com o território permite ao ecomuseu promover desenvolvimento local a partir da participação popular. O objetivo desse tipo de instituição é a experimentação, a inovação e sustentabilidade contemplando as dimensões cultural, ambiental, social e econômica. Portanto, são instrumentos de inclusão social, os quais devem sempre considerar as mudanças da contemporaneidade, uma vez que deixaram de ser espaços que apenas preservam o passado.

Retomando o contexto de 1972 e a conjuntura dessa época, as resoluções pautadas durante o evento “Mesa-Redonda de Santiago do Chile”, a educação atrelada aos museus passa a ter papel central para além do espaço físico do mesmo e diálogo constante com escolas, universidades, comunidades e, ao mesmo, integra-se às políticas nacionais de ensino (PRIMO, 1999). Nessa simbiose, surgem os museus como ferramenta de identidade cultural, o que fortalece o sentimento de pertencimento que cada comunidade desenvolve (GOMES, 2016).

Segundo Carvalho (2019) o museu é como um espaço de encontro e diálogo, que permite aprendizagem, construção de valores e identidades, com uma educação inclusiva e construtivista. Um museu que se relacione com seres humanos, que os faça ter interesse em aprender a qualquer hora, e lugar, vez que a educação é um processo humano, sempre se pode aprender no e com o museu; um mediador da experiência educativa significativa, que revela efetivamente como uma aprendizagem que é e deve ser didática, dialética, participativa, “que envolva processos comunicativos em espaços desenhados para os públicos não para as obras, um museu vocacionado para as pessoas” (CARVALHO, 2019, p. 72). Ampliado essa visão, Pinheiro (2015) considera que é inegável a função social que exercem os museus:

[...] sobretudo, se os entendermos como espaços de sociabilidade, fórum de debates, de trocas de saberes, experiências, práticas, afirmação de identidades; espaços praticados por produtores de cultura, conhecimentos; lugares educativos, que se constituem e que fortalecem as memórias individuais e coletivas – a memória social; os museus, nos diversos territórios, forjam os vínculos das pessoas umas com as outras, são lugares de interlocução comunitária, formados por pessoas que pensam a cultura como elemento econômico e sustentável. Os museus, enquanto equipamentos culturais, devem estar a serviço do conhecimento, da melhoria da qualidade de vida das pessoas. Em particular, daquelas que vivem, que habitam os territórios onde estão situados. (PINHEIRO, 2015, p. 58).

As práticas a serem desenvolvidas dentro do MUV, em conjunto com a Associação de Moradores do Bairro Coqueiro (AMBC), possibilitam às famílias da comunidade um novo

olhar para o patrimônio local e aspiram à inclusão e melhorias nos processos educativos e formativos. Assim, a pesquisa participante e a educação popular são elementos importantes no processo metodológico, bem como ferramentas educativas e participativas, que possibilitam a troca de saberes e fazeres, promovendo a interlocução entre Universidade e a comunidade pertencente à Vila Bairro Coqueiro da Praia.

Salienta Moutinho (2014), o museu e a museologia têm na comunidade e na participação, as novas ferramentas para inovar sob o ponto de vista de conceitos. Por esta razão a Sociomuseologia é considerada como uma disciplina articulada com as ciências humanas e as áreas de ensino e serviços, engajada no desenvolvimento sustentável, na inclusão socioeconômica e na busca de uma adequação dos museus aos novos pressupostos da sociedade contemporânea, aos novos problemas e às novas realidades que inclui demandas de políticas públicas.

HISTORICIZANDO SOBRE A COSTURA

Segundo Braga (2007), a relação do homem com a roupa começou há milhares de anos, na medida em que os homens pré-históricos perceberam que as peles dos animais que caçavam para se alimentarem também poderiam ser usadas como instrumentos de proteção contra o frio. Segundo Laver (1989), “houve a invenção da agulha de mão, um dos maiores avanços tecnológicos da história do homem, comparável em importância à invenção da roda e à descoberta do fogo” (p. 10). As primeiras agulhas de mão tornaram possível a elaboração das primeiras roupas. A ferramenta de costura era feita de marfim de mamute, de ossos de rena e de presas de leão-marinho.

As civilizações que moravam em climas temperados descobriram a utilização de fibras animais e vegetais. A primeira descoberta foi a feltragem, por meio da qual a lã ou os pelos eram penteados, molhados e posicionados sobrepostos em uma esteira, local onde eram fortemente enrolados e golpeados com uma vara (BRAGA, 2007). Dessa maneira, permitia-se que os pelos fossem compactados, tornando-os quentes, duráveis e maleáveis, o que facilitava seu corte e costura e, posteriormente, em um processo evolutivo, o surgimento da própria tecelagem.

Sobre a invenção do tear, não se sabe a data. Os historiadores a situam por volta de 12.000 anos A.P. (BRAGA, 2007). Imagina-se que ninhos de pássaros e teias de aranha seriam a inspiração de sua criação. A roca é uma máquina para se trançarem e unirem os filamentos das fibras, formando uma matéria-prima chamada de fio para a tecelagem dos tecidos. Acredita-se que a roca mecânica foi inventada entre 500 e 1000 d.C. Os teares só permitiam que fizessem tecidos de largura do braço do homem, pois era preciso passar de uma mão para outra para entrelaçar os fios.

Em 1733, John Kay criou a lançadeira volante, que permite tecer qualquer largura de tecido (BRAGA, 2007). Em 1779, o inglês Samuel Crompton idealizou o tear movido à água, o que diminuiu o tempo para o desenvolvimento do tecido, e sua invenção produzia fios finos e resistentes. Edward Cartwright inventou o tear mecânico em 1785. A partir da invenção da máquina a vapor de James Watts, em 1768, Richard Roberts, em 1830, acoplou o tear com funcionamento a vapor.

No que diz respeito à criação da Máquina de Costura, Weisenthal, Thomas Saint, John Duncan, Balthasar Krems, Stone e Henderson desenvolveram máquinas que imitavam o trabalho manual (BRAGA, 2007). Porém, eram consideradas ineficientes. Joseph Madersperger, por sua vez, desenvolveu a primeira máquina usável, pois ela permitiu entrelaçar duas linhas de costura. A costura manual foi substituída pela máquina de costura mecânica por volta de 1760, mas sem muitos resultados. No entanto, foi o francês Barthelemy Thimonier, em 1830, quem criou a primeira máquina de costura.

Em 1834, Walter Hunt desenhou um modelo de máquina de pesponto, mas não a comercializou. Já em 1846, Elias Howe aproveitou o desenho de Hunt, patenteando um modelo com lançadeira sincronizada com a agulha. Alguns anos depois, em 1851, Isaac Merrit Singer, um norte-americano, inventor, mecânico, ator e empresário, patenteou seu modelo de máquina de costura e inovou ao comercializar suas criações no sistema de venda à prestação. Em 1910, surgiu a primeira máquina de costura elétrica, o que acarretou no aumento da produtividade. Logo, até o final do século XIX, foi desenvolvida uma tecnologia de mecânica básica, a qual possibilitou o desenvolvimento posterior dos modelos das máquinas de costura existentes nos dias atuais (LOBO, 2014).

O ato de costurar é uma operação que denota complexidade. Exige o conhecimento do material necessário que transforma tecidos e aviamentos em peças de vestuário, artigos de cama, mesa e banho, entre outros produtos que a criatividade permite elaborar. Requer a habilidade no manuseio do material, a qual exige o conhecimento sobre as formas bidimensionais, como o molde, por exemplo, que possui largura e altura. Este material, que é previamente cortado, possibilita a confecção de uma peça tridimensional, composta por altura, largura e volume, e que pode representar o produto final.

Segundo Araújo (1996) “uma costura pode ser definida como uma sequência de pontos destinados a fazer a união de duas ou mais partes de material, e é utilizada na montagem das partes constituintes de uma peça” (p. 234). As costuras são caracterizadas pela sua resistência, pela tenacidade da linha, pelo número de pontos (cm da costura), pelo número de “carreiras” da costura e pelo tipo de costura e do tecido. A percepção da aplicabilidade do processo de costura artesanal deve ser entendida como sujeito pertencente ao patrimônio cultural.

CONTEXTUALIZANDO O PROJETO ATELIÊ ESCOLA E O MEU TRABALHO: DIFICULDADES INICIAIS E CAMINHOS DELINEADOS

No primeiro momento, do primeiro contato e atuação no projeto (em 2018), os materiais utilizados consistiam em sobras de tecidos para somente uma máquina de costura. Seis meses depois, no mesmo ano, foi possível transportar as atividades do projeto para um espaço no MUV, e agora com o apoio de seis máquinas industriais, as quais foram doadas. Naquele contexto, o público do projeto era composto por um grupo de 10 mulheres residentes na comunidade.

No ano de 2021, as oficinas aconteceram, no âmbito do mestrado profissional e executadas por meio de um projeto de extensão. Neste primeiro momento buscou-se por soluções e alternativas para a viabilização das oficinas considerando as restrições e protocolos de segurança para contenção da pandemia de Covid-19. Para dar continuidade ao trabalho ficou decidido que as oficinas seriam realizadas de forma individual, ou em pequenos grupos familiares, nas residências das alunas. O trabalho de campo foi então iniciado com o grupo de mulheres composto por seis integrantes, no período entre o final de janeiro e início de fevereiro. Entretanto, alguns impasses foram detectados antes que as oficinas pudessem ser iniciadas.

Durante uma visita técnica ao MUV, em janeiro de 2021, foi identificada a necessidade de reestruturação e manutenção das seis máquinas industriais doadas ao projeto *Ateliê*. Devido à proximidade do MUV com o litoral da Praia de Coqueiro, o maquinário havia sido deteriorado pela “ação” da maresia. Tais equipamentos necessitam de manutenção constante, sobretudo, por estarem dispostos em território litorâneo.

Foi identificado ainda que as alunas apresentavam dificuldades para manusear essas máquinas industriais devido à alta velocidade pela qual operam. Essa dificuldade inviabilizou a realização de uma prática e manuseio seguros por parte das alunas ao utilizar o maquinário. Ademais, tais equipamentos não eram viáveis para serem transportados para as residências, pois são pesados e grandes para o deslocamento. A alternativa foi utilizar, inicialmente, as máquinas portáteis, também conhecidas como “máquinas caseiras”. Essas máquinas operam de forma mais lenta, facilitando o manejo, diminuindo o risco de possíveis acidentes, o que torna a prática mais segura.

Superadas as dificuldades iniciais, o passo seguinte foi a realização de um diagnóstico junto às ex-alunas sobre o projeto *Ateliê Escola*. A finalidade foi identificar as percepções acerca das oficinas iniciais e o que poderia ser melhorado. Durante estes relatos, foi registrado que a descontinuidade das atividades do *Ateliê* dificultou o aprimoramento do conhecimento adquirido, bem como a variedade de facilitadores, que ofertavam as oficinas a partir de metodologias diversas, o que prejudicava a continuidade do aprendizado.

Ressaltaram, porém, que por meio da motivação pelo conhecimento que conseguiram reter, algumas delas adquiriram a “máquina portátil”, a qual lhes rendeu renda extra a partir da produção de máscaras para proteção facial contra o vírus da Covid-19.

Durante este diagnóstico, juntamente com a proposição de um exercício específico (relacionado às técnicas de costura), alguns anseios e expectativas das participantes foram relatados. A partir deles foi detectada a necessidade de ofertar um curso de Corte e Costura que pudesse dar continuidade aos trabalhos do *Ateliê*, utilizando, porém, outra didática. A nova metodologia seria desenvolvida considerando as etapas de aprendizagem. Dessa forma, os conhecimentos são repassados seguindo uma continuidade compatível com os níveis de dificuldade: começando do básico e caminhando para o mais complexo, possibilitando que o conteúdo seja absorvido de modo progressivo. As alunas que já haviam participado das oficinas passadas, poderiam, dessa forma, aprimorar o que já haviam aprendido.

Para dar início às práticas seria necessário que as alunas dispusessem de máquinas portáteis em suas residências, e somente duas possuíam esse maquinário. Conseguimos, então, quatro máquinas emprestadas, viabilizando as oficinas, que, conforme relatado, foram individuais, em duplas ou em pequenos grupos familiares, seguindo as normas sanitárias e de segurança exigidas (Figura 3).

Figura 3. Aula de Manuseio e Domínio de Máquina.



Fonte: Acervo dos autores (2021).

Cada aluna recebeu um kit de costura contendo os seguintes materiais: 1 óleo lubrificador de máquina, 2 tubos de linha grande branco e preto, fita métrica, um pacote de agulha de mão, um pacote de agulha de máquina nº12, descosturador, tesoura de corte de linha, bobinas, colchetes, botões, 2 linhas para bordado, tecido, zíper invisível preto e 1 zíper comum (Figura 4).

Figura 4. *Kit de Costura.*

Fonte: Acervo dos autores (2021).

Ao realizar as atividades na residência das beneficiárias, o projeto atual procurou manter as práticas vigentes, as quais possibilitaram a permanência e a manutenção do *Ateliê Escola*. Foram privilegiados o contato e a parceria com a comunidade ribeirinha, pesqueira e deltaica, promovendo engajamento sócio-político-pedagógico das classes populares, no contexto da pesquisa-ação. Thiollent (2011) ressalta a importância desse tipo de pesquisa por desempenhar: “papel ativo no equacionamento dos problemas encontrados, no acompanhamento e na avaliação das ações desencadeadas em função dos problemas” (p. 21).

AS OFICINAS: SISTEMATIZAÇÃO E DESCRIÇÃO

No âmbito das atividades do *Ateliê Escola* foi necessário, primeiramente, conhecer as especificidades das partes das máquinas para o manuseio seguro e correto desse equipamento. Tais especificidades envolvem desde passar a linha, encher a bobina, até trocar e conhecer os tipos de agulha. Dessa forma, nossas oficinas ficaram divididas em dois momentos principais: a apresentação do maquinário e materiais de costura, seguidos do exercício de corte, costura e acabamentos.

O Quadro 1 - Sistematização das oficinas, foi criado para facilitar a metodização dos processos de aprendizagem proporcionados pelas oficinas. Além de oferecer melhor visualização para o(a) leitor(a) sobre o que foi ministrado nas oficinas. Ele não exclui, no entanto, o texto descritivo das atividades realizadas em cada oficina e em cada exercício. Pode ser também considerado como instrumento metodológico na transmissão do conhecimento, técnicas, de corte e costura, podendo ser adaptado ao contexto vigente, bem como servir de base, modelo para a continuidade do projeto no âmbito do MUV.

Abaixo do Quadro, encontram-se as descrições das oficinas. As oficinas duram em média duas horas, podendo ser mais, dependendo da disponibilidade do horário das participantes e da facilitadora.

Quadro 1. Sistematização das oficinas

COSTURANDO SONHOS: Ateliê Escola			
Oficina	Atividades realizadas	Objetivos	Materiais utilizados
1.	Realização dos exercícios 1 ao 5.	Conhecer as especificidades das partes das máquinas para o manuseio seguro e correto do equipamento.	Máquina, linhas, bobinas, agulhas e tecidos.
2.	Ensino sobre sete (7) técnicas de costura diferentes.	Permite à aprendiz identificar onde e quando cada tipo deverá ser utilizado no processo de confecção de um determinado produto.	Máquina, linhas, bobinas, agulhas e tecidos.
3.	Ensino de técnicas relacionadas ao acabamento das peças, segunda etapa.	Permite à aprendiz a valorizar o acabamento das peças utilizados no processo de confecção de um determinado produto com o acabamento da peça que está sendo construída.	Máquinas, linhas, bobinas, tecidos, zíper invisível, zíper comum, tesoura.
4.	Ensino de técnicas relacionadas ao acabamento das peças, segunda etapa.	Conhecer as técnicas sobre fazer encaixes que significa utilizar os vários tipos de pique em linha reta, curva, diagonal e quadrado, para que a peça fique com as costuras alinhadas, garantindo assim um melhor resultado na qualidade da mesma.	Máquinas, linhas, bobinas, tecidos, zíper invisível, zíper comum, tesoura.
5.	Ensino de técnicas relacionadas ao corte das peças e conhecimento sobre os vários tipos de tecidos.	Permite à aprendiz identificar os componentes dos tecidos, a identificar o fio Urdume e fio Trama, para um melhor caimento da peça quando for confeccionar os produtos para o lar.	Tecidos, tesouras, fitas métricas.
6.	Ensino de técnicas relacionadas à modelagem básica das peças.	Permite à aprendiz noções e a conhecer os principais materiais utilizados em uma modelagem básica para os produtos para o lar	Tesoura, papel, lápis, borracha esquadros, curva francesa, régua de alfaiate, fitas métricas, alfinetes
7.	Ensino de técnicas relacionadas ao Patchwork.	Consiste em cortar diversos pedaços de tecidos e costurar formando vários tipos de desenhos.	Tecidos, linhas, tesouras, moldes, alfinetes, máquina de costura, régua, tapete de corte, cortador
8.	Continuação do ensino de técnicas relacionadas ao Patchwork	Permite ao aprendiz a construção da peça piloto.	Tecidos, linhas, tesouras, moldes, alfinetes, máquina de costura, régua, tapete de corte, cortador.

Fonte: Elaboração própria (2022).

Oficina (1). Conhecendo a máquina

Realizada em/entre os dias: 28/01/21 e 29/01/21

Na primeira etapa do processo de aprendizagem, na primeira oficina realizada nas casas das participantes divididas assim: casa 1, uma participante, casa 2, três participantes, casa 3 uma participante. Neste momento, as alunas tiveram contato com a máquina onde conheceram as principais partes e funções da mesma, como a passar a linha, trocar agulha e a bobina. O aprendizado sobre essas funções nesta etapa inicial é de extremo valor para a qualidade das costuras.

Oficina (2). Tipos de costura para controle e manuseio da máquina

Realizada em/entre os dias: 30/01/21 a 05/02/21

Na segunda etapa fizemos o primeiro exercício com linhas retas com paradas em pontos determinados, obrigatoriamente com o pedal para ir controlando o lugar onde se quer parar. Com o objetivo de aprenderem por meio de exercícios de domínio e manuseio de máquinas a ter um melhor entrosamento com ela.

O segundo exercício foi com linhas retas em ângulos de 90°, obrigatoriamente com o pedal. O terceiro exercício foi pespontar linhas retas e cantos, obrigatoriamente com o pedal, virando o tecido a 90°. No quarto exercício treinou-se linhas retas em ângulos obtusos, objetivando costuras retas com paradas no canto (em forma de bolso), obrigatoriamente com o pedal. No quinto exercício aprenderam a pespontar em espiral para facilitar a costura em curvas e no sexto exercício aprenderam a pespontar curvas convexas, com pontas tipo cálice, para dominar a costura quando for pregar bolsos arredondados e apliques decorativos. Com a realização desses exercícios as alunas adquiriram confiança e presteza para a realização dos produtos de moda, no caso, moda para o lar. A repetição desses exercícios é de suma importância pois com isso se tem uma qualidade no qual queremos oferecer nos produtos que iremos ofertar.

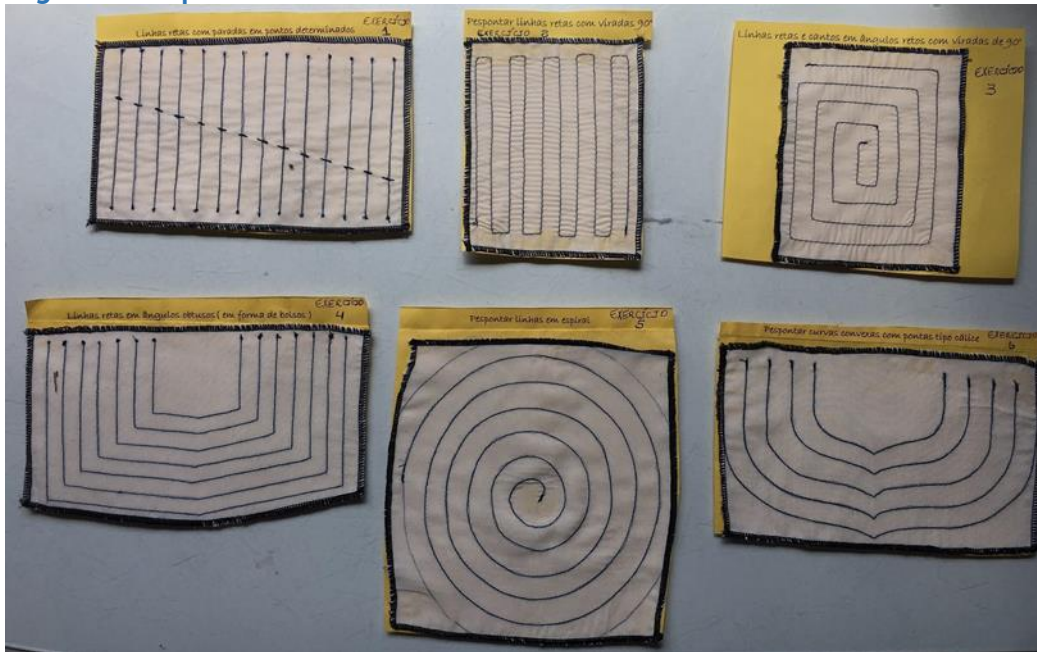
Oficina (3). Tipos de costura à máquina

Realizada em/entre os dias: 16/05/21 a 24/05/21

Na terceira etapa, ministrada em 16 a 24/05/2021 (Figura 5) aprenderam os tipos de costura à máquina, como a costura simples a 1 cm; a costura tombada a 1 cm (útil para reforçar e dar mais resistência a uma parte da peça); a costura francesa (indicada para tecidos transparentes nos quais as costuras são visíveis do lado de exterior da peça); a sobre costura (muito resistente e proporciona durabilidade à peça); a costura debruada com viés (indicada para uma peça em tecido médio ou pesado que não seja forrada); costura debruada em si mesma ou costura bainha de lenço (que dispensa qualquer acabamento e dá melhor

resultado em tecidos leves que não desfiam facilmente) e por fim, a bainha rebatida à máquina com 1, 2 e 3 cm. O aprendizado desses exercícios é importante para identificarem onde e quando os mesmos precisarão serem feitos em um produto, como também fazendo que as mesmas adquiram uma qualidade na execução dos mesmos, pois a prática leva a perfeição.

Figura 5. Tipos de exercícios.



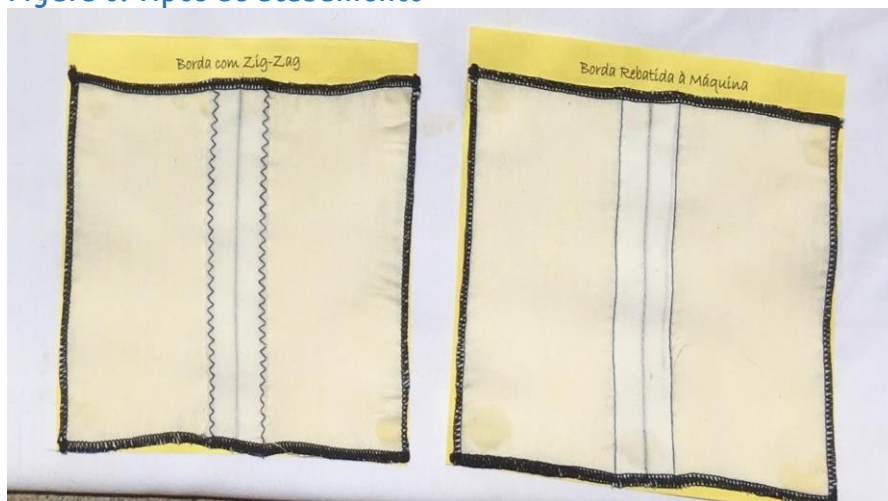
Fonte: Acervo dos autores (2021).

Oficina (4). Tipos de acabamentos

Realizada em/entre os dias: 19/06/21 a 24/06/21

Na quarta etapa ministrada em 19/06/2021 a 24/06/2021 aprenderam os diversos tipos de acabamentos, como, borda rebatida a máquina e borda com *zig-zag* (Figura 6) e a fazer encaixes com o uso dos vários tipos de pique, em linha reta, curva, diagonal e quadrada; a fazer o canto mitrado, muito utilizado nos produtos de cama, mesa e banho e a colocar zíper comum e invisível, já que são muito utilizados nos produtos que produziremos.

Figura 6. Tipos de acabamento



Fonte: Acervo dos autores (2021).

Oficina (5). Oficina sobre Tecidos e como cortá-los

Realizada em/entre os dias: 29/07/21 a 30/07/21

Na quinta etapa nos dias 29 e 30/07/21, como parte do processo de aprendizagem, fizemos uma oficina de corte, objetivando o conhecimento sobre os componentes dos tecidos, aprenderam a identificar o fio urdume e fio trama, para um melhor caimento da peça quando for confeccionar os produtos para o lar.

Oficina (6). Oficina de Noções sobre modelagem

Realizada em/entre os dias: 19/06/21 a 24/06/21

Na sexta etapa, nos dias 24 e 25/08/21 fizemos uma oficina de modelagem com o objetivo de aprender como modelar uma peça, os instrumentos necessários para a construção de produtos para o lar e peças básicas para o vestuário.

Oficina (7). Técnica de Patchwork

Realizada em/entre os dias: 26/08/21 a 08/09/21

Na sétima etapa, 26/08/21 a 08/09/21 e, para finalizar, começamos a criação de uma peça piloto de um jogo de cama como protótipo (Figura 7), feita com a técnica de *patchwork* e, dependendo da aceitação do público-alvo (donos de pousadas e bares), a construção de peças segundo a demanda dos pedidos oriundos da loja virtual, também projeto do Mestrado em Artes, Patrimônio e Museologia da UFDPAr. Essa técnica de *Patchwork* significa “trabalho com retalhos”, pois *patch* = retalho e *work* = trabalho. Para fazer um *patchwork*, é preciso ter, antes de tudo, paciência, capricho e criatividade, pois sua técnica é a união de diversos tipos de tecido, nas mais variadas formas e cores. É um trabalho que existe há muito tempo, dando vida a retalhos de tecidos que, sozinhos, não passariam de sobras desperdiçadas. Consiste em cortar diversos pedaços de tecidos e costurar formando vários

tipos de desenhos. A mesma, ajudará no aperfeiçoamento das costuras, já que terão que ser repetidas várias vezes, com isso fazendo que as participantes adquiram destreza e habilidade nas costuras, que é o objetivo da escolha dessa técnica.

Figura 7. Construção da Peça Piloto com a Técnica de *Patchwork*



Fonte: Acervo dos autores (2021).

Oficina (8) Continuação da Técnica de *Patchwork*

Realizada em/entre os dias: 07/11/21 a 13 /11/21

Na oitava etapa, nos dias 07/11/21 a 13/11/21 continuamos com a construção da peça piloto, primeiramente foram feitos os quadrados com seis tipos de modelos, onde serão todos montados com tiras de tecidos lisos, nesse momento, serão muito útil o aprendizado dos acabamentos principalmente, o canto mitrado, deixando assim a peça com uma boa terminação. As participantes também terão oportunidade de mostrar as habilidades com a aplicação de acabamentos nos tecidos artesanais desenvolvidos por elas nas oficinas de tecelagem com mestre Antônio Mineiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das atividades descritas pode-se observar a relevância dos processos educativos promovidos pelo MUV por meio das oficinas de costura. A realização das oficinas é uma maneira de ampliar e oferecer possibilidades de diálogos com a comunidade local a partir da socialização dos conhecimentos acadêmicos no âmbito das atividades do Ateliê Escola. Mesmo sob o contexto da pandemia de COVID-19 a metodologia foi adaptada para a continuidade das oficinas, porém de forma individualizada nas respectivas residências.

Após a realização dessas primeiras oficinas foi possível observar que o aproveitamento por parte das alunas foi muito satisfatório. Isso pôde ser mencionado a partir do progresso verificado durante a execução dos exercícios e no manuseio das

máquinas por parte de alunas que não tinham nenhum conhecimento prévio sobre costura ou sobre máquinas de costura. Puderam, assim, executar de forma satisfatória os exercícios propostos e realizar os pequenos trabalhos de reparos.

Para além da possibilidade de executar as técnicas ensinadas sobre o universo da costura, o processo de ensino e aprendizagem com o grupo de mulheres residentes no Bairro Vila do Coqueiro da Praia, oferece autonomia às mesmas a partir da habilitação para costurar. Isso pôde ser observado nos relatos que ocorreram durante as oficinas, como quando uma aluna informou “que muitas vezes via as costuras aplicadas em roupas, principalmente a costura francesa, e ficava imaginando como seria a maneira de fazê-la, e agora era capaz de executá-la”; ou quando uma moradora informa que “esse aprendizado seria aproveitado imediatamente nos pequenos consertos que estava fazendo”, e o relato de outra participante, contando que o “MUV, por meio do Ateliê Escola, era maravilhoso, uma mãe!” A aluna relatou que estava realizando o sonho de aprender a costurar, pois jamais teria condições financeiras para pagar um curso como o que estava sendo ofertado, na sua residência, individual e com qualidade.

Por fim, é possível ver como positiva a oportunidade de levar ações do ecomuseu para as casas dos moradores do entorno. Se, em um primeiro momento, ocorreram iniciativas para levar os moradores para dentro do museu a fim de participarem das oficinas e exposições, as circunstâncias impuseram a necessidade de levar o museu, por meio das oficinas, até as casas das pessoas. As oficinas, além de serem formas para compartilhar conhecimentos, funcionaram também como meio de consolidar a presença e relevância do museu e da universidade para os moradores do Bairro Vila do Coqueiro da Praia, Piauí.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Mário. **Tecnologia do Vestuário**. Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

ARAÚJO, Marcelo M.; BRUNO, Maria Cristina. **Declaração de Santiago do Chile 1972**. Mesa-Redonda de Santiago do Chile - ICOM, 1972.

BARBUY, Heloísa. A conformação dos ecomuseus: elementos para compreensão e análise. **Anais do Museu Paulista**, v. 3, p. 209-236, 1995.

BRAGA, João. **História da moda**. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2007.

BERTOTTO, Márica. **Sistema museológico-contributo para as políticas públicas**. **Museologia social e cultural**. Rio de Janeiro: Rio Books, 2015.

BRASIL. Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. Brasília, DF: Congresso Nacional, 2009. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l11904.htm#:~:text=Institui%20o%20Estatuto%20de%20Museus%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%Aancias. Acesso em: 02 dez. 2022.

CÂNDIDO, Manuelina Maria. Cartas de navegação: planejamento museológico em mar revolto. **Cadernos de Sociomuseologia**, v. 48, n. 4, p. 35-56, 2014.

CARVALHO, Gizela Costa Falcão de. **Ateliê-Escola do Museu da Vila, Coqueiro da Praia, Luís Correia, Piauí**. 2019. Dissertação (Mestrado Profissional em Artes, Patrimônio e Museologia) – Museu da Vila, Universidade Federal do Piauí, Parnaíba, 2019.

CARVALHO, Rita de Cássia Moura. **Por entre rio e mar Artes, Patrimônio e Museologia**. 2019. Tese (Doutorado em Belas-Artes, especialidade de Ciências da Arte) – Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Portugal, 2019.

COLUCCI, Danielle Gregole; SOUTO, Marcus Magno Meira. Espacialidades e territorialidades: conceituação e exemplificações. **Revista Geografias**, p. 114-127, 2011.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. (Eds.). **Conceitos-chave de Museologia**. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2013.

DUARTE, Alice. Nova museologia: os pontapés de saída de uma abordagem ainda inovadora. **Revista Museologia e Patrimônio**, v. 6, n. 2, p. 99-117, 2014.

ERICEIRA, Alzira do Carmo Carvalho. **Políticas públicas de desenvolvimento territorial e o enfrentamento à pobreza rural: avaliação do processo de implementação do Programa Territórios da Cidadania no Município de Anajatuba MA**. 2015. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2015.

GOMES, Marta Taets. **Patrimônios de Duque de Caxias: história e memória no Museu Vivo do São Bento**. 2016. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2016.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Programa de Qualificação Profissional, Vestuário, Costureiro 2**, 2018.

INÁCIO, Dauana Berndt; SNOEIJER, Enio; SANTOS, Nicolas Rufino dos. As Normativas Elaboradas Para A Continuidade Das Atividades Da Pós-Graduação Durante A Pandemia Da Covid-19: Um Estudo de Caso na Universidade Federal de Santa Catarina. **XX Colóquio Internacional de Gestão Universitária – CIGU 2021**, p. 1-16, 2021.

IPHAN. **Educação Patrimonial: Inventários Participativos**, 2013.

KOBELINSKI, Milena. **Feminização da pobreza e famílias monoparentais: reflexões sobre os impactos dessa relação na vida das mulheres-mães**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) – Universidade de Caxias do Sul, 2021.

LAVIER, James. **A Roupas e a moda: uma história concisa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LOBO, Renato Nogueiro. **História e sociologia da moda: evolução e fenômenos culturais**. 1ª edição, São Paulo: Érica, 2014.

MOUTINHO, Mário. Definição evolutiva de sociomuseologia: proposta de reflexão. **Cadernos do CEOM – Museologia Social**, v. 27, n. 41, p. 423-427, 2014.

NIPPEES, Gabriel Jordaim; PAVAN, Maya. Pandemia e Inflação: o Brasil do " Bolsocaro". **Revista Pet Economia UFES**, v. 2, n. 1, p. 23-27, 2021.

OLIVEIRA, Gardênia Angelim Medeiros de. **Os Desafios na elaboração de um projeto arquitetônico participativo para a construção da sede da associação de moradores do bairro Coqueiro, Luís Correia, Piauí**. 2018. Dissertação (Mestrado Profissional em Artes, Patrimônio e Museologia) – Museu da Vila, Universidade Federal do Piauí, Parnaíba, 2018.

PINHEIRO, Áurea da Paz. Patrimônio cultural e museus: por uma educação dos sentidos. **Educar em Revista**, n. 58, p. 55 - 67, 2015.

PRIMO, Judite. Museologia e Patrimônio: Documentos Fundamentais – Organização e Apresentação. **Cadernos de Sociomuseologia**, v. 15, n. 15, p. 95-104, 1999.

SANTANA, Yanara Dorado; SITAK, Rufino Borges José; BUMBA, Pedro Fernandes. Breve abordagem do papel dos museus públicos na preservação do patrimônio cultural: os museus públicos de Angola. **Revista Publicando**, v. 5, n. 16, p. 265-286, 2018.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

VARINE, Hugues de. **As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local**. Trad. Maria de Lourdes Parreiras Horta. Porto Alegre: Medianiz, 2013.

Recebido em 31 de janeiro de 2022.
Aprovado em 28 de setembro de 2022.